

Nota da Autora

Mariana Vitória de Bourbon foi rainha consorte de Portugal durante vinte e sete anos, por via do matrimónio celebrado com o rei D. José, que ficou conhecido para a história como *o Reformador*.

Era uma mulher bastante ciumenta, mas muito dedicada à família e fervorosa defensora dos direitos dinásticos da sua primogénita. D. Maria viria de facto a tornar-se na primeira rainha de Portugal, um marco na nossa história e a consumação do sonho de D. Mariana.

Viveu numa época dominada por homens, aos quais tudo era permitido e perdoado. Os homens, incluindo o rei, cometiam várias indiscrições e tomavam por amantes senhoras da alta nobreza, o que neste caso talvez tenha servido de rastilho para um dos episódios mais tristes e sangrentos da nossa história, o processo dos Távora.

D. Mariana testemunhou não só a tragédia que se abateu sobre Lisboa no triste dia 1 de Novembro de 1755, bem como as notáveis reformas realizadas durante todo o reinado do marido.

As suas memórias aqui ficcionadas têm por trás um contexto histórico verídico e deixam aos leitores a possibilidade de sentirem o que era ser mulher, mãe e rainha em pleno século XVIII.

Real Barraca da Ajuda, 21 de Novembro de 1780

Fui rainha consorte de Portugal durante vinte e sete anos, até à morte do meu marido, o rei D. José I, que ocorreu a 24 de Fevereiro de 1777. Posso afirmar que tive um casamento feliz com *o Reformador*, apesar de nem sempre as coisas entre nós terem sido pacíficas, principalmente na época em que o meu marido cometeu várias indiscrições, que considero graves, porque decidiu arranjar algumas amantes. E que amantes?! Escolheu uma mulher casada e da alta nobreza! Uma dama de uma das famílias mais importantes do reino, e talvez tenha sido este o rastilho que provocou um dos episódios mais tristes e sangrentos da nossa história, não só pelas consequências, mas também pelas repercussões que se fizeram sentir tanto na família dos Távora, Alorna e Atouguia como na do duque de Aveiro. Talvez por isso mesmo tenha necessidade de relatar esses factos nas minhas memórias.

Hoje, passados tantos anos, ainda sinto a alma atormentada, embora saiba, em consciência, que de algum modo a minha intervenção, bem como a da minha filha Maria, a primeira a nascer, evitou que a tragédia tivesse tomado maiores proporções. A maior parte das mulheres daquela família

foram implicadas na tentativa de regicídio, mas nem todas seriam poupadas a uma morte terrível! As outras, inclusivamente a amante do rei, seriam encarceradas em conventos e abadias durante muitos e longos anos.

Agora, que estou muito perto do fim, necessito de escrever estas linhas para que fiquem registados, para todo o sempre, os acontecimentos que vivi, em particular desde que cheguei a Portugal e que de alguma forma podem ajudar a compreender melhor a nossa história.

Dizem que «de Espanha nem bom vento nem bom casamento», mas pretendo provar o contrário. É apenas um provérbio do povo, ignorante e crédulo!

Estoy segura de que fui una buena reina e una buena regente para com este reino. Perdoem-me, por vezes ainda escrevo em espanhol, principalmente nos momentos mais tensos.

Embora não tenha sido muito interventiva nos assuntos do Estado, fi-lo por períodos, quando a saúde do meu marido se deteriorou. Também foi necessária a minha intervenção enquanto o rei esteve muito doente e Maria ainda não assumira o poder em definitivo.

Não posso começar este relato sem referir o ambiente político que se vivia, particularmente em Espanha e na Europa, nos anos que antecederam a minha chegada ao mundo e também a vinda para o reino de Portugal.

Quero sobretudo falar da vida que levei neste país, que considero meu, porque aqui residi grande parte da minha existência. Foi onde consumei o meu casamento com o meu saudoso príncipe, que dei à luz as minhas filhas, que vi nascer os meus netos. Amo este país e sei que ele também me ama, e é precisamente por isso que lhe quero prestar esta singela homenagem e resumir os acontecimentos ocorridos durante a minha permanência em Portugal.

Real Alcázar de Segóvia, 5 de Abril de 1725

Encontrava-me no Palácio El Escorial, enquanto os meus pais recebiam, em Segóvia, um ilustre embaixador. Apesar de ter apenas sete anos, guardo esta memória como se tivesse sido ontem. Talvez porque a minha mãe andava muito entusiasmada e o seu ânimo contagiava toda a gente. O embaixador do reino de Portugal José da Cunha Brochado vinha à corte espanhola apresentar uma proposta de casamento em nome do poderoso rei D. João V, a qual estava a ser negociada com os meus pais. Apesar de estes terem muito interesse num desfecho positivo, não demonstravam qualquer ansiedade, porque tinham em vista não um, mas dois casamentos.

— Senhor embaixador, agradeço-vos o facto de vos terdes deslocado aqui, ao Real Alcázar de Segóvia. Como sabeis, não me encontro bem de saúde e por isso refugiei-me neste bonito palácio, que me é tão querido. Chamei-vos porque tanto eu como a rainha Isabel estamos convictos da importância de uma aliança duradoura com o reino de Portugal. Desde a Guerra da Sucessão Espanhola que os nossos reinos se encontram de costas voltadas. Entendemos que é uma boa altura para estabelecer novas alianças. Vemos com bons

olhos que a mão da nossa filha Mariana Vitória seja oferecida ao sereníssimo infante Dom José de Bragança. Como deveis decerto saber, a infanta está livre, uma vez que já não se encontra comprometida com o rei de França. Julgo que com tal proposta poderemos reforçar a paz na Península Ibérica. Queremos que esta anuência seja transmitida aos reis de Portugal o mais depressa possível, porque julgamos que vai ao encontro das ambições de ambos os reinos.

— Certamente, Majestade, fá-lo-ei de imediato!

— Também pretendemos pedir a mão da sereníssima infanta de Portugal para se casar com o príncipe das Astúrias. Estarei certo em considerar que a infanta Maria Bárbara ainda não tem pretendente nem compromisso?

— De facto, Majestade, assim é. Quando o rei da França rompeu a promessa que outorgara para celebrar de imediato o seu casamento, gerou-se alguma expectativa sobre se a infanta Bárbara fazia ou não parte da lista das princesas disponíveis para contrair matrimónio. Se se assim fosse, seria a escolhida para consorte de Luís XV. Contudo, a preferência recaiu sobre Maria Leszczyńska, filha do deposto rei da Polónia, e, consequentemente, a infanta Maria Bárbara pode comprometer-se com o príncipe das Astúrias.

— Seria então um duplo casamento, uma dupla aliança.

— As monarquias ibéricas ficavam com princesas ibéricas! Julgo que Dom João V e a rainha Maria Ana da Áustria vão acolher esta dupla proposta com muito carinho.

— Senhor embaixador, espero contar com o vosso empenho e discrição nesta incumbência que agora vos confio.

— Alteza, serei discreto e o mais diligente dos adidos da Coroa de Portugal. Podereis contar com a minha dedicação para levar a bom porto este encargo. Partirei de imediato para Portugal e apresentarei ao rei Dom João V e à rainha Maria Ana esta maravilhosa proposta de aliança entre os nossos reinos.

Serei a vossa bandeira, o vosso estandarte. Muita satisfação me daria ver os infantes de Portugal aliados aos infantes desta ilustre casa espanhola.



Quando soube desta conversa com o embaixador José Brochado, tive a certeza de que um dia seria a futura rainha de Portugal. Apesar de ser ainda criança, a minha mãe contou-me todos os pormenores.

— Minha querida Mariana, estamos a negociar com o representante de Portugal um excelente casamento tanto para vós como para o vosso irmão, o príncipe das Astúrias. O futuro Fernando VI casar-se-ia com a primogénita dos reis de Portugal, Maria Bárbara de Bragança.

— E eu, com quem me casaria?

— Com o herdeiro do trono de Portugal, o príncipe José. As negociações não serão fáceis, porque não se trata de acordar somente um casamento, mas dois. Se tudo correr bem, vamos ter uma dupla união! — disse a rainha, entusiasmada.

— Então o príncipe chama-se José? Que idade tem?

— Assim é, Mariana. Não deveis ficar demasiado entusiasmada, porque existem importantes razões políticas a considerar. Persiste um diferendo entre as duas coroas sobre uma fronteira no Sul da América. Mas com paciência tudo se resolve!

— Vou então ter de esperar muito tempo?

— Não sei, minha filha. Sois muito jovem, e podemos esperar um pouco. A paciência é uma das virtudes mais importantes numa mulher.

— Esse príncipe vive longe de nós?

— Não, minha querida, vive no vizinho reino de Portugal.